

Análise da automedicação durante a pandemia do COVID-19

Analysis of self-medication during the COVID-19 pandemic

Natalie Sbalqueiro Fogaça¹, Tatiana de Souza Bem¹, Carolina Kleeman¹, José Henrique Tercziany Vanzin¹, Bruno de Faria Melquíades da Rocha¹, Renata Namie Yoshioka Kimura¹, Ronise Martins Santiago Sato¹, Marcelo del Olmo Sato¹, Maria Augusta Karas Zella¹

RESUMO

Introdução: O Conselho Federal de Farmácia em 2019, aponta que 77% dos brasileiros com mais de 16 anos se automedicam. Esse dado, já elevado, associado a medidas de distanciamento e isolamento social pela COVID-19, com diminuição das consultas de rotina e do atendimento ambulatorial, fez com que a prática da automedicação fosse favorecida.

Objetivo: Verificar se houve aumento da prática da automedicação no Brasil durante a pandemia.

Método: Foram entrevistados 503 adultos (322 mulheres e 181 homens) por meio da divulgação em redes sociais pelo Google Formulário. O questionário continha 25 perguntas fechadas, juntamente com dados gerais de identificação.

Resultado: A automedicação ocorreu em 40% dos entrevistados, por indicação de parentes e amigos, sem diferença entre os grupos com e sem comorbidades. O grupo farmacêutico mais usado foi o de analgésicos/antitérmicos, relaxantes musculares e anti-inflamatórios, sendo a cefaleia o maior motivo de uso. Em relação à COVID-19, 40% afirmaram uso de alguma medicação de forma preventiva, destas, destacam-se a vitamina D (28,43%) e a ivermectina (20,28%). Os indivíduos que se automedicaram apresentaram mais casos de infecção pelo COVID-19, apresentando 4,13 vezes mais chance de infecção pelo coronavírus do que aqueles que não se automedicaram ($p=0,00001$). Os indivíduos que usaram medicação com intenção de prevenção contra COVID-19 apresentaram 2,35 vezes mais chance de infecção por COVID-19 ($p=0,01$).

Conclusão: A automedicação foi realizada por 40% da população avaliada e a que a realizou com intenção preventiva apresentou maior contaminação por COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. COVID-19. Comorbidade.

Mensagem Central

Automedicação é problema de saúde pública responsável por 28% das causas de intoxicação medicamentosa. Estima-se que 77% dos brasileiros com mais de 16 anos se automediquem, e a associação com as medidas de distanciamento e isolamento social da COVID-19, levaram à diminuição das consultas de rotina e do atendimento ambulatorial. Isto fez com que a prática da automedicação fosse favorecida, associada também ao uso de medicações supostamente preventivas contra o Sars-Cov-2. Deste modo, o objetivo desta pesquisa foi verificar se houve aumento da prática da automedicação no Brasil durante a pandemia da COVID-19, determinando o perfil epidemiológico dos usuários e as classes dos medicamentos mais consumidos.

Perspectiva

Infecção pelo SARS-CoV-2 foi mais prevalente nos pacientes com automedicação e usuários com finalidade supostamente preventiva, e tiveram respectivamente 4,13 e 2,35 vezes mais chance de infecção quando comparado aos que não utilizaram automedicação ou medicamentos preventivos. Não se observou diferença significativa entre quem tinha e quem não tinha ensino superior com relação à automedicação. Ela foi realizada por 40% da população avaliada. Os que a usaram apresentaram maior risco de infecção pelo COVID-19, e ela foi mais frequente nos usuários das medicações supostamente com fins preventivos.

ABSTRACT

Background: The Federal Council of Pharmacy in 2019, points out that 77% of Brazilians over 16 years old self-medicate. This data, already high, and associated with measures of distancing and social isolation by COVID-19, plus with an increase in routine consultations and outpatient care, has made the practice of self-medication to be even higher.

Objective: To verify whether there was an increase in the practice of self-medication in Brazil during the pandemic.

Method: A total of 503 adults (322 women and 181 men) were interviewed through social media dissemination using Google Forms. The questionnaire contained 25 closed questions, along with general identification data.

Results: Self-medication occurred in 40% of the interviews, mostly by recommendation of relatives, with no difference between the groups with and without comorbidities. The most used pharmaceutical group was analgesics/antipyretics, muscle relaxants and anti-inflammatory drugs, the main reason for their use being headache. In relation to COVID-19, 40% said they used some medication in a preventive way, of which vitamin D (28.43%) and ivermectin (20.28%) stand out. Individuals who self-medicated had more cases of COVID-19 infection, presenting 4.13 times more chance of infection by the coronavirus than those who did not self-medicate ($p=0.00001$). Individuals who used medication with the intention of preventing COVID-19 were 2.35 times more likely to be infected by it ($p=0.01$).

Conclusion: Self-medication was performed by 40% of the population evaluated. Its performance with preventive intention presented greater contamination by COVID-19.

KEYWORDS: Self-medication. COVID-19. Comorbidity.



INTRODUÇÃO

No Brasil, a automedicação é um problema de saúde pública relacionado a 28% das causas de intoxicação medicamentosa, segundo dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas¹. Uma pesquisa realizada em 2019 pelo Conselho Federal de Farmácia aponta que 77% dos brasileiros com mais de 16 anos se automedicam.¹ Esse dado, já elevado, associado às medidas de distanciamento e isolamento social, diminuição das consultas de rotina e do atendimento ambulatorial causados pela pandemia de COVID-19, fez com que a prática da automedicação fosse favorecida, associada também ao uso de medicações supostamente preventivas contra o Sars-Cov-2.^{1,2}

Deste modo, os objetivos desta pesquisa foram verificar se houve aumento da prática da automedicação no Brasil durante a pandemia do COVID-19, determinando o perfil epidemiológico dos usuários e as classes dos medicamentos mais consumidos.

MÉTODOS

Estudo transversal analítico realizado por meio da divulgação em redes sociais do Google Formulário para adultos acima de 18 anos, no período de outubro de 2020 a março de 2021. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná, Curitiba, PR, Brasil (CAAE no. 4.325.006).

Somente os participantes que aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tiveram acesso às questões e foram analisados. O questionário (Figura 1) continha 25 perguntas fechadas, juntamente com dados gerais de identificação (e-mail, sexo, idade, estado, escolaridade), sintoma que levou a automedicação, fator de auxílio na escolha da medicação, realização da vacina da gripe no período, presença de doenças do grupo de risco do coronavírus, consumo de medicação supostamente preventiva para Sars-Cov-2 (ivermectina, cloroquina, corticoides, vitaminas ou fitoterápicos) e infecção pelo COVID-19.

RESULTADOS

Foram entrevistados 503 adultos (322 mulheres e 181 homens). Em relação à escolaridade, 88% dos respondentes tinham nível superior completo ou incompleto. Mais de 86% dos respondentes eram do estado do Paraná (Brasil). Comorbidades de risco para a infecção COVID-19 estavam presentes em 25% da amostra (n=128), sendo as mais frequentes: obesidade (8,35%), hipertensão arterial (7,75%) e diabetes melito (4,37%, Tabela 1). A vacina contra a gripe foi aplicada em 62% da população estudada. A automedicação ocorreu em 40% durante a pandemia, por indicação de parentes e amigos, sem diferença entre os grupos com e sem comorbidades (Tabela 2). O grupo farmacêutico mais usado foi o de analgésicos/antitérmicos, relaxantes musculares e anti-inflamatórios, sendo o maior motivo do uso destes, a cefaleia. Não ocorreu diferença significativa

FIGURA 1 - Questionário automedicação modificado de Servidoni et al. (2006)

1. Sexo biológico () Feminino () Masculino
2. Escolaridade: () Ensino Superior Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Fundamental Incompleto.
3. Idade:
4. Estado (UF):
5. Você faz parte do grupo de risco para o coronavírus? <input type="checkbox"/> Sim, sou diabético(a) <input type="checkbox"/> Sim, sou asmático(a) ou tenho doença pulmonar crônica <input type="checkbox"/> Sim, sou hipertenso(a) <input type="checkbox"/> Sim, sou obeso(a) <input type="checkbox"/> Sim, sou paciente em tratamento de neoplasia (câncer) <input type="checkbox"/> Sim, uso imunossupressor(a) <input type="checkbox"/> Sim, sou idoso(a) <input type="checkbox"/> Não me enquadro
6. Durante a pandemia precisou comprar medicação sozinho para alívio de algum sintoma, sem conversar com seu médico ou passar por consulta médica? <input type="checkbox"/> Sim () Não
7. O medicamento era para uso: () Próprio () Outro membro da família () Ambos () Outra pessoa
8. Esqueceu ou perdeu a receita na hora da compra? () Sim () Não () Não me enquadro
9. Já se aconselhou com farmacêutico ou balconista para comprar medicações? <input type="checkbox"/> Sim () Não
10. JÁ recebeu conselhos não solicitados na farmácia? () sim () não
11. Aconselhou-se com terceiros? () Sim () Não
12. Em caso afirmativo (questão anterior) com quem? () Vizinho () Parente () Amigo () Internet () Outros () Não me enquadro
13. Já se baseou em receitas médicas antigas? () Sim () Não
14. Em caso afirmativo, essas receitas antigas eram: () Suas () De outra pessoa () Não me enquadro
15. O medicamento comprado/usado necessitava de apresentação obrigatória de receita médica? () Sim () Não
16. Quantos princípios ativos (sal/substância/genérico) havia no medicamento? () 1 () 2 () 3 ou mais () Não sei
17. Assinale com quais medicamentos você se automedicou no período de distanciamento () Analgésico/antitérmico () Relaxante muscular () Anti-inflamatório () Xaropes para tosse () Antiasmáticos () Antibióticos () Corticoides sistêmicos (via oral) () Corticoides tópicos/nasais () Descongestionantes nasais () Antialérgicos/anti histamínicos () Anticoncepcional oral () Antidiáfragos/medicação para estômago () Gotas oftálmicas (ouvidos) () Remédios para resfriado/gripe () Vitaminas () Medicinação fitoterápica () Outros: Quais?
18. Quais motivos/doenças abaixo relacionadas você acreditava possuir? () Dor de cabeça () Febre () Resfriado/gripe () Infecções/inflamações de garganta (farigite/amigdalite/laringite) () Infecções/inflamações de ouvido (otites) () Sínusite () Rinite () Alergia () Lesões orais () Lesões de pele () Refluxo/gastrite () Doenças pulmonares () Outros: Quais?
19. Durante quanto tempo usou a medicação? n() 1 dia () 2 dias () 3-5 dias () mais de 5 dias
20. Seguiu as instruções da bula? () Sim () Não
21. Quando foi sua última consulta médica? () Há menos de uma semana () Entre uma semana e um mês atrás () 1-3 meses atrás () Mais de três meses () Não consultei durante a pandemia
22. No período da quarentena chegou a utilizar com intenção preventiva alguma das medicações ou vitaminas abaixo? () Hidroxicloroquina () Ivermectina () Colchicina () Dexameletasona () Zinco () Vitamina D () Kaloba (extrato padronizado EPs® 7630 das raízes de Pelargonium sidoides) () Outros: Quais?
23. A medicação utilizada na intenção preventiva foi prescrita através de: () Consulta médica () Internet () Amigos, parentes ou vizinhos () farmacêuticos () Outros
24. Você fez a vacina da gripe esse ano? () Sim () Não
25. Você foi infectado pelo COVID-19? () Sim () Não

entre quem tinha e quem não tinha ensino superior com relação ao aconselhamento por farmacêutico ou balconista ($p=0,43$).

Em relação à COVID-19, 40% afirmaram uso de alguma medicação de forma preventiva; destas, destacaram-se a vitamina D (28,43%) e a ivermectina (20,28%). A infecção pelo Sars-CoV-2 foi mais prevalente no grupo de pacientes com automedicação ($p=0,00001$) e nos usuários de medicação supostamente preventiva ($p=0,01$). Os indivíduos que se automedicaram apresentaram mais casos de infecção pelo COVID-19, apresentando 4,13 vezes mais chance de infecção pelo coronavírus do que os que não se automedicaram ($p=0,00001$). Aqueles que usaram medicação com intenção de prevenção contra COVID-19 apresentaram

2,35 vezes mais chance de infecção pelo vírus ($p=0,01$, Tabela 3).

TABELA 1 - Dados demográficos da população estudada

Dado	n	%
Sexo		
Masculino	181	35.98
Feminino	322	64.02
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	2	0.40
Ensino médio incompleto	2	0.40
Ensino médio completo	58	11.53
Ensino superior incompleto	189	37.57
Ensino superior completo	252	50.10
Estado		
Paraná	433	86.08
São Paulo	19	3.79
Rio Grande do Sul	3	0.60
Santa Catarina	24	4.77
Bahia	4	0.80
Minas Gerais	2	0.40
Pernambuco	1	0.20
Mato Grosso do Sul	2	0.40
Goiás	1	0.20
Rio de Janeiro	4	0.80
Distrito Federal	1	0.20
Sergipe	4	0.80
Acre	1	0.20
Mato Grosso	2	0.40
Piauí	1	0.20
Alagoas	2	0.40
Roraima	1	0.20
Ceará	1	0.20
Grupos de risco		
Não me enquadra	373	74.16
Diabetes melito	22	4.37
Asma/doença pulmonar crônica	35	6.96
Hipertensão arterial	39	7.75
Obesidade	42	8.35
Tratamento de neoplasia (Câncer)	2	0.40
Imunossupressor	4	0.80
Idoso	34	6.76

DISCUSSÃO

A Organização Mundial da Saúde descreve automedicação como a seleção e uso de medicamentos sem prescrição médica e sem supervisão de um médico ou dentista.³ Na atualidade, a propaganda de medicamentos na mídia, a existência de medicamentos em casa e a crença de que os medicamentos resolvem todos os problemas de saúde têm feito com que a automedicação tenha se tornado prática frequente.¹

O uso de medicamentos, segundo constatou Moreira et al.⁴ é processo social, que sofre influência de diversos fatores, como as características demográficas, características comportamentais e culturais da população. Dentre os fatores condicionantes para a utilização de medicamentos observa-se a influência das tecnologias de informação e comunicação.⁵ Vários estudos indicaram que a automedicação é prática comum, com prevalência de 32,5/81,5% em todo o mundo.⁷ Na população estudada, ela ocorreu em 40% dos entrevistados durante a pandemia, principalmente por indicação de parentes (47,60%) e amigos (24,35%). Corroborando os dados de Moreira et al.⁴ nesta pesquisa, a internet foi apontada

TABELA 2 - Características gerais da população que realizou automedicação

Dado	n	%
Sexo		
Masculino	67	28.03
Feminino	172	71.97
Idade		
10 a 20 anos	48	20.08
21 a 30 anos	78	32.64
31 a 40 anos	28	11.72
41 a 50 anos	34	14.23
51 a 60 anos	37	15.48
61 a 70 anos	12	5.02
71 a 80 anos	1	0.42
Mais de 80 anos	1	0.42
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	1	0.4
Ensino médio completo	21	8.79
Ensino superior incompleto	100	41.84
Ensino superior completo	117	48.95
Conselho de Terceiros		
Sim	271	53.88
Não	232	46.12
De quem recebeu conselho		
Amigo	66	24.35
Parente	129	47.6
Outros	16	5.90
Internet	60	22.14
Uso de receita antiga		
Sim	239	47.51
Não	264	52.49
Comorbidades		
Diabético	14	5.86
Asmático	27	11.30
Hipertenso	23	9.62
Obeso	27	11.30
Idoso	14	5.86

TABELA 3 - Automedicação e pacientes infectados por COVID-19

Infeção por COVID 19	Sim	Não	RC (p)
Automedicação	13,66% (n=28)	3,69% (n=11)	4,12 (p,0,00001)
Medicação preventiva	11,56% (n=23)	5,26% (n=16)	2,35 (p,0,01)

como fonte de conselho para automedicação em 22% da população entrevistada.

Alguns trabalhos apontam que os medicamentos mais comumente autoprescritos são analgésicos, antiinflamatórios, antitussígenos, antidiarreicos, suplementos de cálcio e vitaminas, esteroides anabolizantes, sedativos, certos antibióticos e muitos medicamentos fitoterápicos e homeopáticos^{4,8}. Tais dados também foram observados nesta pesquisa, sendo que os grupo de fármacos mais usados foram os analgésicos/antiinflamatórios (71,22%), relaxantes musculares (56,59%) e anti-inflamatórios (50,73%).

Até o dia 17 de outubro de 2020, foram confirmados 39.425.546 casos de COVID-19 no mundo. Os Estados Unidos foram o país com o maior número acumulado (8.050.141), seguido pela Índia (7.432.680) e pelo Brasil (5.224.362). Em relação aos óbitos, foram confirmados 1.105.403 no mundo. E, novamente, os Estados Unidos foram o país com maior número acumulado de óbitos (218.599), seguido pelo Brasil (153.675 casos).⁹

Associado a esse cenário, a ausência de tratamento definitivo ou vacinas disponíveis para prevenir a infecção viral, associada a influência das mídias sociais em relação à desinformação sobre medicamentos, os quais levaram à confusão do público, aumentaram a automedicação.¹⁰ Em nossa pesquisa não foi diferente, 40% afirmaram uso de alguma medicação de forma preventiva contra COVID-19, destas, destacaram-se a vitamina D (28,43%) e a ivermectina (20,28%), ambas vendidas sem a necessidade de receita médica no nosso país.

Nesta pesquisa, a infecção pelo Sars-Cov-2 foi mais prevalente no grupo de pacientes com automedicação e nos usuários de medicação supostamente preventiva. Os indivíduos apresentaram respectivamente 4,13 e 2,35 vezes mais chance de infecção quando comparado aos que não utilizaram automedicação ou medicamentos preventivos.

Embora o estudo realizado possa apresentar viés de informação relacionado ao fato da automedicação ser autorreferida e viés de amostragem devido as respostas serem obtidas por formulários online, não observou-se diferença significativa entre quem tinha e quem não tinha ensino superior com relação à automedicação.

CONCLUSÃO

A automedicação foi realizada por 40% da população avaliada. A que realizou automedicação apresentou maior chance de risco de infecção pelo COVID-19. Nessa população estudada a infecção por COVID-19 foi mais frequente nos usuários das medicações supostamente preventivas.

Trabalho realizado na

¹Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná, Curitiba, PR

Conflito de interesse: Nenhum

Financiamento: Nenhum

Correspondência:

Natalie Sbalqueiro Fogaca
E-mail: nataliefogaca@gmail.com

Contribuição dos autores

Conceituração: Natalie Sbalqueiro Fogaca, Ronise Martins Santiago Sato
Análise formal: Tatiana de Souza Bem
Investigação: Carolina Kleeman
Metodologia: José Henrique Tercziany Vanzin
Administração do projeto: Bruno de Faria Melquades da Rocha
Supervisão: Renata Namie Yoshioka Kimura, Marcelo del Olmo Sato
Revisão (esboço original): Ronise Martins Santiago Sato
Redação (revisão e edição): Maria Augusta Karas Zella

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez por mês. 2019. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5267>. Acesso em: 27 abr. 2019.
2. WILDER-SMITH, Annelies; FREEMAN, David O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *Journal of travel medicine*, 2020.
3. GAMA, Abel Santiago Muri et al. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, [S.L], v. 38, n. 1, p. 1-7, 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.6511>.
4. MOREIRA, Thais de Abreu et al. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de minas gerais, brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, [S.L], v. 23, p. 1-15, maio 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200025>.
5. AFRIDI, M. Iqbal et al. Prevalence and pattern of self-medication in Karachi: A community survey. *Pakistan journal of medical sciences*, v. 31, n. 5, p. 1241, 2015.
6. World Health Organization. (1998) . The Role of the pharmacist in self-care and self-medication :report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands, 26-28 August 1998. World Health Organization.
7. MALIK, Muna et al. Self-medication during Covid-19 pandemic: challenges and opportunities. *Drugs & Therapy Perspectives*, v. 36, n. 12, p. 565-567, 2020.
8. BECKHAUSER, Gabriela Colonetti et al. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Revista Paulista de Pediatria*, [S.L], v. 28, n. 3, p. 262-268, set. 2010. FapUNIFESP
9. SILVA FILHO, Paulo Sérgio da Paz et al. Riscos da automedicação em idosos acometidos pelo coronavírus e outras síndromes respiratórias. *Research, Society And Development*, [S.L], v. 9, n. 7, p. 1-17, 23 maio 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4211>.
10. VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto et al. As novas tecnologias da informação e o consumismo em saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, [S.L], v. 26, n. 8, p. 1473-1482, ago. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2010000800002>.